



Luzes da Teosofia

© 2018 – Conhecimento Editorial Ltda

Luzes da Teosofia - Vol. 1

Autores diversos

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 — Limeira — SP
Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br
vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão por escrito do editor.

Tradutores e colaboradores:

- Ana Maria Coelho de Sousa
- Carlos Guerra • Edilson Almeida Pedrosa
- Fábio Johas • José Antonio Alves
- Maria Isabel Nobre Santos • Manuel Cavaco
- Mariléa de Castro • Raul Branco

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho
Ilustração da capa: Banco de imagens

ISBN 978-85-7618-431-7
1ª Edição – 2018

- Impresso no Brasil • Presita en Brazilo
- Produzido no departamento gráfico da

Conhecimento Editorial Ltda
grafica@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Autores diversos

Luzes da Teosofia - Vol. 1 / Autores diversos — Limeira, SP : Editora do Conhecimento, 2018.
158 p. (Teosofia: A força da Verdade)

ISBN 978-85-7618-431-7

1. Teosofia 2. Doutrina Secreta I. Título

18-0391

CDD – 130

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências ocultas : Esoterismo

Autores diversos

Luzes da Teosofia

Volume 1

1ª edição
2018



A verdadeira Sociedade Teosófica é uma unidade indivisível, animada por uma vida individual! A sua alma é o amor à verdade, o seu princípio vital e a bondade, e habita num mundo acima do material, onde nenhum inimigo lhe pode tocar. A sua manifestação na terra depende de um veículo apropriado, e a primeira condição necessária para o veículo é que ele deve ser um todo unido. A Sociedade Teosófica é uma força ideal para o bem, difundido pelo mundo inteiro, mas requer condições materiais e, a mais importante, é um centro material a partir do qual e para o qual circularão as forças dinâmicas que se equilibram entre si. Esta é uma condição da vida de todas as organizações e de todos os organismos, e a Sociedade Teosófica é ambos; é uma organização, no plano material, e um organismo, no plano espiritual. Um centro comum, por conseguinte, é tão necessário, quer por razões espirituais, quer por razões físicas.

H. S. Olcott

Sumário

Prefácio	9
A Sociedade Teosófica e o seu trabalho: Carta do Maha-Chohan para A. P. Sinnett.....	12
O grande paradoxo Helena Blavatsky	27
Os mestres de sabedoria C. W. Leadbeater	31
Consciência e teosofia José Antonio Alves.....	42
O poder vivo da teosofia P. B. Wadia	51
A teosofia e o dharma no mundo de hoje Manuel Cavaco Nunes	55
Uma introdução a Pistis Sophia Raul Branco.....	63
Da Páscoa ao Anno Domini Edilson Almeida Pedrosa.....	82
Os elementais, os espíritos elementares e a relação entre eles e os seres humanos C. H. A. Bjerregaard	104

Arte como um fator de evolução da alma	
Jinarajadasa	119
O adepto nega a teoria nebular?	
Helena Blavatsky	132
Esoterismo do dogma cristão	
Helena Blavatsky	138

Prefácio

Um livro aberto é um cérebro que fala; fechado, um amigo que espera; esquecido, uma alma que perdoa; destruído, um coração que chora. – Tagore

A teosofia é o acervo de conhecimentos das causas da existência de tudo no universo retido por um grupo de seres extraordinários chamados adeptos, cujas mentes estão em perfeita sintonia com a Mente Universal. Além da busca incessante pelo conhecimento e sabedoria universais, as doutrinas teosóficas firmam-se também nos preceitos do amor, da fraternidade e do não egoísmo. É nesse manancial infinito e eterno da verdade, do amor e da sabedoria universais onde se assentam todas as religiões e encontra-se a essência dos sistemas filosófico-religiosos da antiguidade. A teosofia unifica, explica e harmoniza filosofia, ciência e religião, e o exame apurado da literatura teosófica autêntica deixa transparecer claramente essa concordância fundamental.

O movimento teosófico moderno, fundado por H. P. Blavatsky e Henry Steel Olcott, no último quartel do século XIX, espalhou-se pelo mundo e tem-se tornado cada vez mais conhecido na atualidade. Grande parte do sucesso dessa nova corrente de pensamento deve-se à notável obra escrita deixada por Blavatsky, a qual se coloca como um dos capítulos mais destacados da criatividade humana. Percebe-se naquele magnífico edifício literário uma espantosa demonstração de talento, erudição, inspiração, visão profética, profundidade espiritual, constituindo-se um fenômeno inexplicável que ain-

da choca e surpreende a mente da maioria das pessoas que entram em contato com ele. A grandiosa obra de Blavatsky compõe-se não apenas dos muitos e importantíssimos livros que publicou, mas também de numerosos artigos editados por vários periódicos e que formam, em seu conjunto, um acervo monumental. Boris de Zirkoff, sobrinho de Blavatsky, colecionou notas, diários, artigos, cartas, bem como todos os seus livros publicados, perfazendo uma coleção, em 14 volumes, que foi denominada *The Blavatsky Collected Writings* e totaliza mais de 8000 páginas.

Além de todo esse rico material provindo da fundadora, que contém ensinamentos valiosos, com suas instruções particulares, inclusive as que ela transmitiu depois de 1888 aos membros da Seção Esotérica da Sociedade Teosófica, os atuais teósofos dispõem de uma quantidade volumosa de livros, pesquisas e artigos elaborados por teósofos notáveis de grande erudição e espiritualidade, sendo alguns deles companheiros de primeira hora dos fundadores da Sociedade Teosófica e outros que se destacaram em fases subseqüentes de desenvolvimento e expansão da teosofia pelo mundo, inclusive na atualidade. Só para lembrar alguns nomes, podemos citar, dentre dezenas de outros igualmente importantes: A. P. Sinnett, William Q. Judge, H. S. Olcott, Annie Besant, T. Subba Rao, C. W. Leadbeater, G. R. S. Mead, Gerald Massey, Franz Hartmann, Ernest Wood, C. Jinarajadasa, Arthur A. Powell, N. Sri Ram, Geoffrey Hodson, Gottefried de Purucker, Boris de Zirkoff, Clara M. Codd, P. G. B. Bowen, Geoffrey Farthing, N. Bhashyacharya, R. B. Holt, Parabolanus, Frederick Hockley, Geo. C. Williams, Ianthe Hoskins, A. L. Pogosky, Bhagavan Das.

Após quase 150 anos da fundação da Sociedade Teosófica, ocorrida em 1875, a tremenda produção literária dos teósofos e pesquisadores vinculados, discípulos ou não dos mestres de sabedoria, especialmente os milhares de artigos produzidos, encontram-se à disposição dos estudantes de filosofia esotérica na forma de livros e outras publicações ou até mesmo na internet. Porém, quase tudo se encontra redigido em línguas estrangeiras, especialmente a inglesa, o que dificulta enormemente os pesquisadores e buscadores da vida espiritual de

língua portuguesa com desconhecimento de outros idiomas.

Há, por conseguinte, grande demanda a ser suprida por mais publicações na nossa língua que exponham integralmente o pensamento dominante e as tendências atuais que derivam dos ensinamentos valiosos da Sabedoria Antiga. A Editora do Conhecimento espera agora que esse anseio possa ser satisfeito com a publicação da presente série de volumes do selo 'Luzes da Teosofia'. A profícua produção literária sob a forma de artigos produzidos por Blavatsky e os mais destacados teósofos do passado e da atualidade serão disponibilizados, a cada mês, sob o formato de livros numa série sem prazo determinado para terminar. A Editora espera que essa antologia do conhecimento divino, exposta magistralmente por qualificados pesquisadores da verdade eterna, possa se constituir num roteiro seguro de acesso ao conhecimento esotérico.

Os teósofos caracterizam-se especialmente por serem livres pensadores. Desde a sua fundação, a Sociedade Teosófica, apesar de ter o seu corpo doutrinário, nunca impôs aos seus membros renúncia às crenças particulares e aos ensinamentos e dogmas de suas religiões, a única exigência é com a prática da fraternidade e o respeito mútuo. De sorte que não se deve esperar nos textos apresentados nesta série ora lançada inteira coerência e concordância uns com os outros, pois cada autor teosófico tem o direito de expressar livremente o pensamento de qualquer escola a que esteja vinculado, mas jamais o de menosprezar opiniões opostas à sua ou de forçar qualquer pessoa a aceitar os seus pontos de vista.

A Sociedade Teosófica e o seu trabalho: CARTA DO MAHA-CHOHAN PARA A. P. SINNETT^[1]

Traduzido por Edilson Almeida Pedrosa

Introdução pelo tradutor

Mahatma é entendido na teosofia como um mestre de sabedoria e compaixão, também chamado adepto, um elevado ser que, à semelhança dos *bodhisattvas* budistas, preferiu permanecer na Terra para ajudar a humanidade, a prosseguir fora do planeta o seu progresso espiritual. Em seus diversos escritos, Helena P. Blavatsky, a fundadora da Sociedade Teosófica (ST), aprofundou esse conceito, dizendo-nos que o *mahatma* vem a ser um personagem que desenvolveu ao extremo as suas faculdades superiores por meio de educação e treinamento especiais. Os *mahatmas* são homens vivos e, portanto, mortais. O seu conhecimento e erudição são imensos, e a santidade da sua vida pessoal é ainda maior, tendo atingido um conhecimento espiritual que a humanidade comum só adquirirá depois de inúmeras encarnações no processo evolutivo comum. Ainda, segundo ela, os *mahatmas* fazem parte de uma fraternidade oculta, embora não pertençam a nenhuma escola filosófica ou religiosa em particular. Tal Fraternidade não se originou no Tibete, mas a maioria dos seus membros e

[1] Título original: *The Theosophical Society and Its Work From the Maha-Chohan To A.P. Sinnett*. Cartas dos Mestres da Sabedoria, Primeira Série, Carta n° 1. Publicada por The Theosophical Publishing House, 1919; C. Jinarajadasa (compilador).

alguns dos mais elevados entre eles vivem e estão constantemente no Tibete.

O Maha-Chohan é o chefe dos *mahatmas* da região transhimalaica, sendo conhecido como o 'senhor da civilização', um dos três grandes adeptos que formam o "Triângulo da Grande Hierarquia". A carta do Maha-Chohan, a ser mostrada na sequência, representa um dos mais belos e importantes capítulos da história da formação da ST e traz, ainda, uma mensagem extremamente oportuna e edificante para a humanidade de hoje. As cartas dos *mahatmas*, especialmente os mestres Koot Hoomi e Morya, dirigidas a alguns teósofos nos primórdios da organização da Sociedade Teosófica, quando se desenrolava o último quartel do século XIX, algumas colecionadas e publicadas em livro por Alfred Percy Sinnett e outras por C. Jinarajadasa, constituem, em seu conjunto, talvez a obra mais polêmica e difícil da literatura teosófica.

Quando os leitores se defrontam com a sabedoria, a vidência e a fraternal paciência dos mestres de sabedoria sentem-se inevitavelmente tocados por uma profunda emoção e sentimento de reconhecimento e respeito por aqueles augustos seres. As mensagens escritas que deixaram têm não só um caráter histórico, mas é também pura revelação.

Naquela ocasião, os mestres que estavam na retaguarda e davam sustentação às atividades nascentes da ST defrontavam-se com situações complicadas de toda ordem, que iam desde os problemas pessoais e interpessoais de alguns membros até as controvérsias relativas à administração da instituição e a natural dificuldade de conseguir passar, na linguagem limitada dos idiomas ocidentais, conceitos profundos e ocultos da filosofia oriental e da tradição-sabedoria, considerados extremamente complexos e intrincados para a esmagadora maioria dos ocidentais. Face a esta última dificuldade, tornou-se necessária a implantação de uma nomenclatura que permitisse, sem ambiguidade, a exposição escrita e falada dos temas a serem avançados.

Além de comunicações no plano astral, geralmente durante o sono, os mestres houveram por bem instruir alguns estudantes e discípulos por meio de bilhetes e cartas trocados

entre eles, num processo chamado precipitação. O misterioso processo de troca de correspondência com o mestre dispensava obviamente entrega pelo correio. Às vezes, mal o estudante terminava de escrever e eis que surgia no verso do papel a resposta do mestre. Quando explicava esse processo ao Sr. Sinnett, o Mestre Koot Hoomi expressou-se assim: “Devo pensar bem, fotografando cuidadosamente cada palavra e frase no meu cérebro antes que possa ser repetida por precipitação.”^[2] ‘Precipitação’ significa dizer que a resposta no próprio papel da carta ou mesmo uma nova carta podia surgir como que do nada na frente do destinatário. Blavatsky aprofundou um pouco mais essa explicação, dizendo que: “O trabalho de escrever as cartas em questão é efetuado por um tipo de telegrafia psíquica; os mahatmas raramente escrevem suas cartas da forma usual. Uma conexão eletromagnética, por assim dizer, existe no plano psíquico entre um mahatma e seus chelas, um dos quais age como seu secretário.”^[3] Curiosamente, qualquer que viesse a ser o chela a escrever manualmente a carta transmitida psiquicamente pelo mestre, a letra no documento era sempre igual à do mestre. Não está explicado como a carta era materializada, ou precipitada, na frente de seu receptor, isso devia envolver um processo ou tecnologia que a humanidade ainda não estava preparada para entender.

A publicação das cartas dos *mahatmas* na forma de livros revelou-nos uma obra tremendamente impactante não só pelos relevantes ensinamentos transmitidos, mas também pelo poder de evidenciar como são gerais alguns dramas psicológicos da natureza humana e as dificuldades das relações interpessoais, demonstrando como esses problemas se tornam seriíssimo obstáculo ao desenvolvimento espiritual de cada um de nós. As cartas são como um espelho diante do qual estão escancaradas as fraquezas e a força moral das pessoas e permitem ver, sobretudo, o inevitável confronto que cada aspirante terá com o êxito ou o fracasso durante a sua busca espiritual.

A Sociedade Teosófica, que havia sido instituída em Nova York, em 1875, por Blavatsky e Henry S. Olcott, foi transferida

[2] *Cartas dos Mahatmas para A. P. Sinnett*, Ed. Teosófica, 2001, Vol. I - p. 85.

[3] Blavatsky & outros, *Five Years of Theosophy*, 1885, p. 519.

quatro anos depois para uma nova Sede em Bombaim, Índia. Lá os fundadores foram contatados pelo periodista inglês Alfred Percy Sinnett, editor do *The Pioneer*, o mais importante jornal inglês publicado em Allahabad. O jornalista ofereceu-se para publicar quaisquer matérias sobre a missão deles na Índia, tendo demonstrado grande interesse em conhecer Blavatsky, devido a fenômenos notáveis que aconteciam em sua presença e que ela atribuía aos *mahatmas* com quem se comunicava psiquicamente. Com o tempo, formou-se um agradável e produtivo vínculo de amizade entre os fundadores e o Sr. Sinnett. Foi, assim, que, em fins de 1879, o casal Sinnett tornou-se membro da ST, durante uma visita dos fundadores à sua casa, ocasião em que estes conheceram outros visitantes, inclusive o Sr. Allan Octavian Hume, um funcionário do Governo inglês e ornitólogo amador, que viria a ser referenciado várias vezes em algumas das cartas enviadas pelos mestres. A carta do Maha-Chohan, apesar de sua universalidade, tem como figuras centrais justamente esses dois importantes personagens, Sinnett e Hume, que tomaram caminhos bem diversos e dramáticos em sua busca pela verdade.

A carta

Uma versão abreviada da visão do Chohan sobre a Sociedade Teosófica (ST), em suas próprias palavras, tal como transmitida ontem à noite. Uma carta minha, em resposta a sua, seguirá em breve. – Koot Hoomi

A doutrina que promulgamos, sendo a única verdadeira, apoiada pelas evidências que estamos preparados para oferecer, deve se tornar por fim triunfante, como qualquer outra verdade. No entanto, é absolutamente necessário introduzi-la gradualmente, colocando em prática as suas teorias, fatos irrefutáveis para aqueles que sabem, com inferências diretas deduzidas das evidências fornecidas pela ciência exata moderna e corroboradas por ela. Essa é a razão pela qual o coronel H.S.O.^[4], que se dedica a reviver o budismo, pode ser considerado como alguém que trabalha no verdadeiro caminho

[4] Henry Steel Olcott, cofundador, em setembro de 1875, da Sociedade Teosófica e o seu primeiro presidente. (NT).

da teosofia e muito mais do que qualquer outro homem que tenha como meta a gratificação de suas próprias aspirações ardentes ao conhecimento oculto. O budismo, despojado de suas superstições, é a verdade eterna, e quem se esforça para alcançá-la está buscando a *Theo-Sophia*, a Sabedoria Divina, que é sinônimo de 'verdade'.

Para que as nossas doutrinas atuem de forma prática sobre o chamado código moral, ou as ideias de retitude, pureza, abnegação, caridade etc., temos que popularizar o conhecimento de teosofia. O que caracteriza o verdadeiro teósofo não é o firme propósito individual de alcançar o nirvana (o ponto culminante de todo conhecimento e sabedoria absoluta), o que é, afinal, apenas um egoísmo exaltado e glorioso. É, porém, a busca altruística dos melhores meios que possam levar os nossos semelhantes ao caminho correto, para beneficiar o maior número possível deles.

Setores da intelectualidade humana parecem estar se dividindo rapidamente em duas alas. Uma está inconscientemente se preparando para longos períodos de aniquilação temporária, ou estados de não consciência, devido à renúncia deliberada de sua inteligência e aprisionamento nas estreitas trilhas do fanatismo e da superstição religiosa, um processo que conduz à deformação total do princípio intelectual. A outra entrega-se sem restrições às suas propensões animais com a intenção deliberada de submeter-se à aniquilação pura e simples em caso de fracasso, e a milênios de degradação após dissolução física. Essas "classes intelectuais", agindo sobre as massas ignorantes que eles atraem e que as veem como exemplos nobres e adequados a serem seguidos, degradam e arruinam moralmente aqueles que deveriam proteger e guiar. Entre a superstição degradante e o materialismo brutal e ainda mais degradante, a pomba branca da verdade dificilmente tem onde pousar os seus pés cansados e exaustos.

É hora de a teosofia entrar na arena. Os filhos dos teósofos serão provavelmente, no devido tempo, mais teosofistas do que qualquer outra coisa. Nenhum mensageiro da verdade, nenhum profeta jamais alcançou durante a vida um triunfo completo, nem mesmo Buda. A Sociedade Teosófica foi esco-

lhida como pedra angular, a base das futuras religiões da humanidade. Para alcançar-se o objetivo proposto, ficou estabelecido que deveria haver uma convivência maior, mais sábia e especialmente mais benevolente do superior com o inferior, do alfa e com o ômega da sociedade. A raça branca deve ser a primeira a estender a mão com fraternidade para as nações de pele escura e chamar de irmão o pobre “negro” desprezado. Essa perspectiva pode não agradar a todos, mas não é um teósofo aquele que se opõe a esse princípio.

Em vista do triunfo cada vez maior e do mal-uso concomitante do livre-pensamento e da liberdade (o reinado universal de Satanás, como diria Eliphas Levi), como poderia o natural instinto combativo do homem ser impedido de infligir crueldades e atrocidades, tirania e injustiça etc., se não fosse pela influência tranquilizadora da fraternidade e da aplicação prática das doutrinas esotéricas de Buda?

Pois, como todos sabem, a emancipação total da autoridade daquele poder único, ou lei, que tudo permeia chamado Deus pelos sacerdotes, ou Buda, sabedoria divina, iluminação e teosofia, pelos filósofos de todas as idades, significa igualmente a emancipação da lei humana. Uma vez libertas das interpretações dogmáticas, dos nomes pessoais, das concepções antropomórficas e dos sacerdotes assalariados, desvenilhadas de seu peso morto, as doutrinas fundamentais de todas religiões se provarão idênticas em seu significado esotérico. Osíris, Krishna, Buda, Cristo serão apresentados como nomes diferentes de uma mesma estrada real para a suprema felicidade final, o nirvana.

O cristianismo místico, isto é, aquele que ensina a autorredenção por intermédio de nosso próprio sétimo princípio (o *para-atma*, ou *augoeides*, chamado Cristo por alguns e Buda por outros, e equivalente à regeneração, ou ao renascimento em espírito) será percebido como sendo a mesma verdade do nirvana budista. Todos temos que nos livrar do nosso próprio ego, o eu aparente ilusório, para reconhecer nosso verdadeiro eu numa vida divina e transcendental. Mas, se não formos egoístas, devemos nos esforçar para que outras pessoas vejam essa verdade, reconheçam a realidade desse eu transcenden-

tal, o Buda, o Cristo, ou Deus de cada pregador. Essa é a razão pela qual mesmo o budismo exotérico é o caminho mais seguro para conduzir os homens em direção à única verdade esotérica.

No mundo em que agora nos encontramos, seja cristão, muçulmano ou pagão, a justiça é desconsiderada, e a honra e a misericórdia são lançadas ao vento. Numa palavra, vendo que os principais objetivos do ST são mal interpretados mesmo por aqueles que estão mais dispostos a ajudar-nos pessoalmente, como iremos lidar com o resto da humanidade em meio à maldição conhecida como a “luta pela vida”, que é a verdadeira e mais fértil causa de todos os crimes e da maioria das aflições e tristezas? Por que essa luta se tornou o regime quase absoluto do universo? Nós respondemos, porque nenhuma religião, à exceção do budismo, ensinou até agora um desprezo prático por esta vida terrena, porquanto cada uma delas, sempre com aquela única e solitária exceção, inculcou o maior medo da morte através de seus infernos e de suas danações. Por conseguinte, encontramos esta luta pela vida abrangendo mais furiosamente os países cristãos, sendo mais prevalente na Europa e na América. Ela se torna mais fraca nas terras pagãs e é quase desconhecida entre as populações budistas. (Na China durante a fome e onde as massas são mais ignorantes de sua própria religião ou de qualquer outra, observou-se o notável o fato de que as mães que devoravam os seus filhos pertenciam a localidades onde estava situada a maioria dos missionários cristãos; onde não havia nenhum deles, e só os bonzos possuíam os campos, a população morria com a maior indiferença). Ensine-se o povo a ver que a vida nesta terra, mesmo a mais feliz, é apenas um fardo e uma ilusão e que só nosso próprio carma (a causa que produz o efeito) é nosso próprio juiz, o nosso salvador nas vidas futuras, e a grande luta pela vida logo diminuirá sua intensidade. Não há penitenciárias em terras budistas e o crime é quase desconhecido entre os budistas tibetanos. (O acima não está dirigido a você, ou seja, A.P.S., e nada tem a ver com o trabalho da Sociedade Eclética de Simla. Significa apenas uma resposta à impressão errônea na mente do Sr. Hume sobre o “trabalho do Ceilão” como não sendo teosofia).

O mundo em geral, especialmente a cristandade, deixado há dois mil anos no regime de um Deus pessoal, bem como os seus sistemas políticos e sociais baseados nessa ideia, mostrou-se até agora um fracasso. Se os teósofos disserem “não temos nada a ver com isso; as classes mais baixas e as raças inferiores (as da Índia, por exemplo, na concepção dos britânicos) não nos dizem respeito, e elas devem se arranjar como puderem”, o que acontecerá com nossas belas declarações sobre benevolência, filantropia, reforma etc.? Serão zombarias tais declarações? E se forem zombarias, a nossa senda pode ser a verdadeira? Deveríamos nos dedicar a ensinar alguns europeus, os quais vivem na abundância, e muitos ostentando as dádivas de uma fortuna imerecida, como se dão os fenômenos de sinos soando no ar, da materialização de xícaras, do telefone espiritual e da formação de corpo astral, e deixar os milhões de ignorantes, de pobres e desprezados, de humildes e oprimidos cuidarem por si mesmos de sua vida futura da melhor maneira que puderem? Nunca! Antes pereça a S.T. com os seus dois infelizes fundadores do que permitirmos que ela se torne uma mera academia de magia, um centro de ocultismo. Que nós, os devotos seguidores de Gautama Buda, o homem dos homens, o espírito encarnado de absoluto autossacrifício, filantropia, bondade divina e as mais elevadas virtudes alcançáveis nesta terra de tristeza, viéssemos permitir à S.T. representar a corporificação do egoísmo, o refúgio dos poucos que jamais pensam nos muitos, é uma ideia estranha, meus irmãos.

Entre os poucos vislumbres obtidos pelos europeus a respeito do Tibete e de sua hierarquia mística de “lamas perfeitos”, há um que foi entendido e descrito corretamente. “As encarnações do Bodhisattva, Padma Pani, ou Avalokitesvara e as de Tsong-ka-pa e de Amitabha, que renunciaram em sua morte a realização de *budado*, ou seja, o *summum bonum* da bem-aventurança e de sua própria felicidade individual, de forma a que pudessem nascer e renascer muitas vezes para o benefício da humanidade.” (Rhys Davids). Em outras palavras, eles deveriam estar sujeitos repetidamente à miséria, à prisão na carne e a todas as dores da vida, para que, por intermédio

de tal autossacrifício, repetido durante longos e monótonos séculos, pudessem se tornar instrumentos que assegurem a salvação e a felicidade futura de um punhado de homens escolhidos entre uma das muitas raças da humanidade. E é de nós, os humildes discípulos desses lamas perfeitos, que se espera a permissão para que a S.T. renegue o seu nobre título de Fraternidade da Humanidade, para se tornar uma simples escola de psicologia. Não, não, bom irmão, você tem laborado em erro há muito tempo. Vamos nos entender. Aquele que não se sente suficientemente capaz de compreender a nobre ideia e de trabalhar por ela, não precisa realizar uma tarefa muito pesada. Mas dificilmente existirá um teosofista em toda a Sociedade que não possa auxiliá-la efetivamente por meio da correção das impressões errôneas dos que estão de fora, quando não ajudando a propagar essa ideia. Oh! Ao homem nobre e altruísta que nos ajudar efetivamente na Índia nesta tarefa divina, todo o nosso conhecimento, passado e presente, poderia não ser suficiente para recompensá-lo.

Tendo explicado nossos pontos de vista e aspirações, tenho apenas mais algumas palavras a acrescentar. Para serem verdadeiras, a religião e a filosofia devem oferecer solução para todos os problemas. De vez que o mundo está moralmente numa situação tão ruim, tem-se uma evidência conclusiva de que nenhuma de suas religiões e filosofias jamais possuiu a verdade (as das raças civilizadas menos do que qualquer outra). As explicações corretas e lógicas sobre o tema dos problemas dos grandes princípios duais - certo e errado, bem e mal, liberdade e despotismo, dor e prazer, egoísmo e altruísmo - são tão impossíveis para elas agora quanto eram há 1881 anos. Elas estão tão longe da solução como sempre estiveram. Mas, deve haver em algum lugar uma solução consistente, e se nossas doutrinas mostrarem-se competentes para oferecê-la, então o mundo será rápido em confessar que estas devem ser a verdadeira filosofia, a verdadeira religião, a verdadeira luz, a qual oferece a verdade e nada além da verdade.